

Entrevista Familiar: relato de experiência

Family Interview: experience report

Mayara Caroline Barbieri

Mestranda pelo Programa de Pós Graduação em
Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos
São Carlos, Brasil
may_barbieri@hotmail.com

Giselle Dupas

Docente e Orientadora do Programa de Pós Graduação em
Enfermagem da Universidade Federal de São Carlos
São Carlos, Brasil
giselle.dupas@gmail.com

Resumo — O objetivo do artigo é relatar a experiência de realizar entrevista com famílias de crianças e adolescentes com deficiência visual. Estudo descritivo, do tipo relato de experiência. Os dados foram coletados de novembro de 2014 a março de 2015 em uma cidade do interior de São Paulo, com instrumento semi-estruturado. O projeto foi aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa. A experiência da pesquisadora no processo da entrevista perpassou por inúmeras emoções e aprendizado; para as famílias representou um momento reflexivo. Conclui-se que fazer entrevista familiar não é tarefa fácil, demanda dedicação, disponibilidade de tempo e habilidades. Esta considerada terapêutica pelas famílias.

Palavras Chave - Pesquisa Qualitativa; Família; Entrevista.

Abstract — The objective of this article is to report the experience of performing family interview with families of children and adolescents with visual impairments. Descriptive study of type experience report. Data were collected from November 2014 to March 2015 in a city of São Paulo, with semi-structured instrument. The project was approved by the Research Ethics Committee. The experience of the researcher in the interview process pervaded by numerous emotions and learning; for families represented a reflective moment. In conclusion, do family interview is no easy task, requires dedication, time availability and skills. This considered therapeutic for families.

Keywords - Qualitative Research; Family; Interview.

I. INTRODUÇÃO

A abordagem qualitativa na área da saúde é de extrema importância por abordar e valorizar o universo de significados, aspirações, crenças, valores e atitudes dos sujeitos sociais, além de buscar conhecer um determinado fenômeno através dos atores sociais e dos sentidos que eles atribuem aos objetos e às ações sociais que desenvolvem [1].

Para obtermos dados qualitativos podemos utilizar muitos instrumentos de coleta de dados. Mesmo sem a obrigatoriedade do uso da entrevista, este é um dos métodos mais requisitados e que apresenta caminhos e cuidados que devem ser seguidos [2].

O processo de realizar entrevista individual requer preparo, porém ao se entrevistar várias pessoas, no caso a família em interação, o momento da entrevista exige do pesquisador outras habilidades.

Wright e Leahey [3] descrevem algumas habilidades que se mostram importantes no momento da entrevista familiar que são as perceptivas, que se referem à capacidade de observar informações relevantes. Ainda abordam que tal habilidade é completamente diferente em uma entrevista individual do que quando realizada com família, em que o pesquisador deve observar as interações múltiplas que se estabelecem e os relacionamentos. Em relação às conceituais deve-se dar significado as observações, que serão vistas como um sistema. E para finalizar as habilidades executivas que serão as intervenções terapêuticas que o pesquisador realiza na entrevista, sendo este um processo circular. Ao utilizar tais habilidades a enfermeira se encontra preparada para se envolver com a família, explorar, avaliar intervenções, identificar potencialidades e fragilidades. Porém as autoras incentivam que as habilidades sejam personalizadas para cada família, pois na entrevista a enfermeira e a família estarão em interação.

Frente aos inúmeros desafios de se realizar uma entrevista autores resaltam a importância em se discutir os aspectos metodológicos e a abordagem teórica da coleta de dados. Afirmando também a necessidade da preparação dos jovens pesquisadores nas etapas de planejamento da entrevista, execução e análise das informações [4].

Sabe-se que a modificação de um membro da família afeta todos os membros de diferentes maneiras. É a família que influencia de maneira significativa as crenças de seus membros, suas atitudes e seus comportamentos relativos à saúde e à doença [5].

O contexto de assistência, nos dias atuais, está repleto de intensas modificações na prática do cuidado, com a preocupação de reinserir a família como centro do enfoque dos profissionais da saúde. Para se realizar de fato uma intervenção o enfermeiro precisa ter claro que não deve impor mudanças ao sistema, mas sim mostrar o quanto a família é capaz de encontrar o equilíbrio e ser agente de mudança. Portanto, incluir a família como objeto de estudo e intervenção para

profissionais de saúde e de enfermagem é atualmente uma exigência, mas também um desafio [5].

Autores afirmam a necessidade de incluir a família como agente participante do cuidado, tornando-a fortalecida e capaz de cuidar dos próprios problemas e tomada de decisão. Para isso deve-se desenvolver as habilidades para cuidar de famílias e para que as intervenções de enfermagem atinjam ao longo da trajetória da família e não apenas do membro que apresenta o problema de saúde vigente [6].

Autores tratam a entrevista familiar como estratégia terapêutica, visto que o momento da entrevista a família pode atribuir novos significados a sua experiência, desenvolver novas competências, se fortalecer enquanto unidade e reduzir o sofrimento [7-8].

Diante do exposto, o objetivo do artigo é relatar a experiência de realizar entrevista com famílias de crianças e adolescentes com deficiência visual. Este artigo justifica-se por ser uma experiência diferenciada da entrevista individual e por julgar que pode contribuir para a prática de outros pesquisadores no momento de realizar entrevistas familiares.

II. METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva, do tipo relato de experiência que descreve aspectos vividos pela autora. A pesquisa tem como tema abordar as experiências relacionadas ao processo de realizar entrevista familiar. As entrevistas foram realizadas com famílias de crianças e adolescentes com deficiência visual e advêm de uma pesquisa de mestrado na área da enfermagem em andamento.

O relato de experiência é caracterizado como uma pesquisa descritiva, mais informal, que utiliza da reflexão de uma situação ou de um conjunto delas que abordem as experiências vivenciadas. Este recurso está sendo cada vez mais utilizado para enriquecer a fundamentação teórica com a experiência pessoal ou profissional dos autores [9].

O levantamento dos dados dos sujeitos da pesquisa foi obtido através das matrículas das crianças e dos adolescentes com deficiência visual, nas redes de ensino particular, estadual e municipal, fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Os critérios de seleção foram que os membros da família da criança e do adolescente e os próprios tivessem a capacidade cognitiva e auditiva para responderem as perguntas; a família entrevistada ser cuidadora da criança e do adolescente na faixa etária de 6 a 18 anos. Foram excluídas da pesquisa crianças e adolescentes que apresentassem associado à deficiência visual, outros tipos de deficiência ou quaisquer outras malformações do sistema nervoso central. O último critério foi aplicado a partir de informações fornecido pela própria família, visto que muitas vezes a escola desconhecia o diagnóstico.

Após entrar em contato com as escolas e famílias, realizamos uma primeira aproximação pessoalmente para que a pesquisa fosse explicada, as dúvidas fossem sanadas e para iniciar um vínculo com a família. Das 48 crianças ou adolescentes com deficiência visual cadastrados nas redes de ensino, 23 foram excluídas por não atenderem ao critério de

seleção. Das 25 crianças restantes oito (sete famílias, pois dois eram irmãos) já foram entrevistadas, sete se recusaram a participar da pesquisa, com três famílias ainda é necessário entra em contato telefônico e outras oito famílias já aceitaram participar.

Os dados foram coletados no período de novembro de 2014 a março de 2015 em um município no interior do estado de São Paulo, através da realização de entrevistas com instrumento semi-estruturado que continha questões norteadoras para auxiliar na condução da entrevista. As questões estavam relacionadas a experiência da família nas questões relacionadas a independência e autonomia da criança e também sobre a rede de apoio da família. Também utilizamos a confecção dos respectivos genograma e o ecomapa para a coleta de dados. O genograma elucida de uma forma clara todos os membros que constituem a família, e assim nos fornece subsídios para discussão e análise das interações familiares. Já o ecomapa é um diagrama dinâmico das relações que a família e seus membros estabelecem com a comunidade, é um instrumento que auxilia na avaliação das redes de apoio [10].

As entrevistas foram gravadas em áudio, realizadas em grupo e no domicílio das famílias.

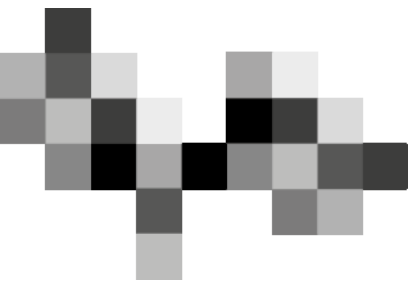
Todos os aspectos contidos na Resolução nº 466 /2012, do Conselho Nacional de Saúde que dispõe sobre as diretrizes para realização de pesquisas com seres humanos foram respeitadas [11]. Assim, o projeto de pesquisa foi submetido ao CEP da Universidade e aprovado com o parecer número 748.751, CAAE: 32401414.0.0000.5504, após ter sido obtido o consentimento favorável da Secretaria Municipal e da Delegacia Regional de Educação do município. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

III. RESULTADOS

Quanto a caracterização das entrevistas, segue a tabela I.

TABELA I CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Família	Caracterização das entrevistas			
	Caso índice (CI)	Participantes	Dia da entrevista	Duração da entrevista
1	Caso índice 1 Sexo masculino Idade: 15 anos	8 participantes: CI, Mãe, Padrasto, Tio, Tia e Irmãs (3)	04/11/2014	1'10''
2	Caso índice 2 Sexo masculino Idade: 10 anos	4 participantes: Mãe e Irmãos (3)	16/11/2014	1'40''
3	Caso índice 3 Sexo masculino Idade: 10 anos	3 participantes: Avó, Irmã e Tia	02/12/2014	1'22''
4	Caso índice 4 Sexo masculino Idade: 15 anos	4 participantes: CI, Mãe, Irmã e Padrasto	06/12/2014	2'29''
5	Caso índice 5.1 Sexo feminino Idade: 15 anos Caso índice 5.2	7 participantes: CI (2), Irmã, Mãe, Pai, Tia e Chefe	07/12/2014	3'59''



Família	Caracterização das entrevistas			
	Caso índice (CI)	Participantes	Dia da entrevista	Duração da entrevista
	Sexo masculino Idade: 10 anos			
	Caso índice 6 Sexo masculino Idade: 7 anos	4 participantes: CI, Mãe, Padrasto e Irmã	28/02/2015	2'43''
7	Caso índice 7 Sexo masculino Idade: 10 anos	3 participantes: CI, Mãe e Pai.	04/03/2015	1'52''

Com as sete famílias entrevistadas foi estabelecido um bom vínculo, acredita-se ter sido em decorrência aos inúmeros contatos prévios ao momento da entrevista. Antes de marcarmos a data das entrevistas realizamos uma primeira aproximação que foi agendada previamente com os principais responsáveis pela criança ou adolescente para que pudessem explicar com maiores detalhes a pesquisa, além de dar oportunidade ao responsável sanar dúvidas; esses encontros foram realizados no domicílio ou nas algumas escolas, conforme a preferência do responsável. Neste momento já deixávamos disponível o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que também outros membros da família pudessem obter maior detalhamento da pesquisa.

Autores afirmam que o primeiro contato é essencial para que a mensagem da importância da participação dos membros da família na entrevista seja valorizada. Deve-se afirmar claramente que cada um é membro significativo da família e desempenha papéis fundamentais [3].

Além do contato pessoalmente realizado antes da entrevista, também fazíamos ligações telefônicas para que o vínculo fosse mantido. Nas ligações ouvíamos as famílias e solicitávamos horários para que a entrevista fosse realizada, nos colocando a disposição para qualquer horário estabelecido pelas famílias, seja final de semana ou feriado. Das entrevistas realizadas apenas duas foram realizadas durante a semana, dessas uma foi no período da tarde e outra no período da noite, uma em um feriado e as outras quatro foram realizadas aos finais de semana.

Quanto ao local da entrevista também demos a opção de realizarmos em um local de escolha da família, e assim todas as entrevistas foram realizadas no próprio domicílio. Observamos que o domicílio faz com que a família se sinta mais segura e a vontade familiarizada, porém obtivemos algumas interferências no decorrer das mesmas. As dispersões ocorreram principalmente quando o CI era criança. Nota-se a dificuldade em engajá-las no processo da entrevista. Além disso também ocorreram dispersões relacionadas a ligações telefônicas, demandas de crianças menores e visitas que chegaram no momento da entrevista. Para reduzir tais dificuldades buscávamos deixar a família participante a vontade para interromper e ao retomar a entrevista resgatávamos os assuntos que estavam em discussão.

Sobre o local das entrevistas as autoras citam pros e contras desta ser realizada no domicílio da família. Em relação aos pros

afirmam que bebês, crianças e idosos podem estar presentes com mais facilidade, ocorrem mais oportunidades de se encontrar membros significativos se realizada no domicílio e também é possível o conhecimento do ambiente físico e social da família. Já como contras elas citam a questão de custo administrativo e pessoal na questão do deslocamento e também que ocorre mais interrupções no decorrer da entrevista [3].

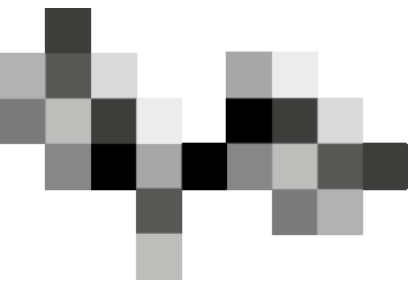
Anterior a entrevista e gravação orientávamos também a família sobre as condutas do pesquisador no decorrer do processo, como as notas realizadas sobre algo que a família narrou e que se desejava retomar posteriormente, mas que por ocasião da fala não era oportuno interromper. As observações se deram principalmente pelo pesquisador que não conduzia a entrevista, pois este ficava mais livre para observar e realizar as anotações que eram pertinentes. As orientações foram importantes para que a família não se intimidasse com as anotações realizadas. Orientávamos também para que os participantes da entrevista falassem sem um de cada vez e para que todos relatassem o seu ponto de vista sobre o que foi perguntado.

Outra estratégia utilizada para realizar a entrevista familiar foi a presença de dois pesquisadores por entrevista, esta ação foi essencial para que a condução da entrevista fosse realizada adequadamente. Optamos por apenas um pesquisador conduzir a entrevista e o outro realizar as anotações sobre os pontos que necessitavam de maior aprofundamento, este apresentado em momento oportuno sem realizar a interrupção da fala, além de estar atento para aspectos não verbais demonstrados pelos outros membros da família enquanto o outro sujeito falava.

Sentimentos diversos emergiram no decorrer dessa intervenção. A concentração deve ser mantida ao longo da mesma, pois temos que ouvir atentamente cada membro, saber perguntar para que os assuntos fossem aprofundados, saber conduzir para que todos falassem e se engajassem no processo de relatar o solicitado. Esses fatores foram sentidos com maior intensidade em entrevistas realizadas com maior número de membros. Nessas situações era comum os participantes falarem simultaneamente. Como estratégia de gravação utilizamos no mínimo dois gravadores em cada entrevista e em famílias mais numerosas três, dispostos em lugares diferentes para que pudessemos garantir a qualidade das gravações.

As expressões de emoções, como o choro e gargalhadas, foram expostas pelas famílias e neste momento a pesquisadora se emocionava porém sem expressá-las intensamente.

Situações de conflitos podem ser desencadeadas no processo da entrevista e os pesquisadores devem estar preparados para realizar as mediações. Nessas situações foram mantidas posições neutras, sem tomar partido de um dos membros da família e desconrdar com o outro, pois isso acentua o conflito. Este é um dos erros mais comuns ao se trabalhar com família. O enfermeiro deve estar atento para não fazer alianças com um membro ou grupo da família, para evitar este erro deve-se: manter a curiosidade e mostrar o interesse ativo para ouvir a história de cada um, não manter conversas paralelas com um membro da família, lembrar-se que existe



múltiplas formas de visualizar um problema e burcar fazer perguntas que explorem ambos os lados.[3]

Após as entrevistas o vínculo com as famílias está sendo mantido através de ligações telefônicas, visitas e passeios.

Em uma das famílias foi abordado o isolamento social dos filhos, pelo fato de residirem em zona rural, bem como manifesto o desejo de sair e passear. Combinamos e os levamos passear no shopping para que eles pudessem conhecer o ambiente. Em outra família, após a entrevista, como a casa era em um bairro muito distante, a família se prontificou a levar a pesquisadora até o ponto de ônibus, mas por fim acabou levando-a até sua residência e aceitou o convite para entrar, pois a criança com deficiência visual fez questão de ir até lá.

O ato de realizar entrevista familiar não tem se constituído apenas como uma etapa da pesquisa, pois interações são estabelecidas e vínculos são formados. O pesquisador por aprender com a vivência do outro (participantes), e a família por refletir e expor suas vivências.

Este processo reflexivo fez com que muitas famílias considerassem a entrevista terapêutica; ao final da entrevista muito falaram da importância de se falar sobre situações passadas e angústias. Além disso elogios aos membros familiares foram expostos no decorrer da entrevista o que também fortalece a terapêutica deste processo. Autores afirmam que a conversa terapêutica é uma intervenção e pode trazer inúmeros benefícios aos indivíduos inclusive o suporte cognitivo e emocional.[8]

Nessas oportunidades as famílias passam a valorizar mais a reflexão e conversas sobre situações vivenciadas em família, assim os benefícios de uma entrevista familiar pode desencadear tal hábito para a vida em família.

CONCLUSÕES

Ao compartilhar esta reflexão podemos observar a importância de estar à disposição das famílias, e ter a clareza de que esta disponibilidade se inicia bem antes da entrevista e ela não termina com o encerramento das narrativas.

Ao se entrevistar famílias e se aproximar de um mundo repleto de experiências nós levamos um pouco de cada um daqueles membros, levamos as percepções, angústias, necessidades e dúvidas. Assim, de alguma forma buscávamos solucionar. As entrevistas se mostraram como forte estratégia terapêutica para os membros da família.

Este relato de experiência pode contribuir para a formação em pesquisa por elencar alguns elementos necessários para a

realização de tal técnica de coleta de dados. As contribuições abarcaram algumas técnicas de preparo e condução de uma entrevista familiar.

Ainda se constitui um desafio realizar entrevistas com famílias, as entrevistas são completamente diferentes e mesmo na realização de mais de um encontro com a mesma família as dificuldades serão novas em cada situação, sendo assim uma limitação deste relato de experiência.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo pelo financiamento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] M.C.S. Minayo. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 23a ed. Petrópolis: Vozes; 2004. p.9-29.
- [2] R.A. Belei, S.A. Gimenez-Paschoal, E.N. Nascimento, P.H.V.R. Matsumoto. O uso, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. Cadernos de Educação, vol.30: 187 - 199, janeiro/junho 2008.
- [3] L.M. Wright, M. Leahey. Enfermeira e famílias: guia para avaliação e intervenção na família. São Paulo: Roca, 5 ed. 2012.
- [4] E.J. Manzini. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. Revista Percurso - NEMO Maringá, v. 4, n. 2, p. 149- 171, 2012.
- [5] S.A.F. Galera, M.A.V. Luis. Principais conceitos da abordagem sistêmica em cuidados de enfermagem ao indivíduo e sua família. Rev Esc Enferm USP 2002; 36(2): 141-7.
- [6] M.A.M. Barbosa, M.M.F.G. Balieiro, M.A.M. Pettengill. Cuidado Centrado na Família no contexto da criança com deficiência e sua família: uma análise reflexiva. Texto Contexto Enferm, n. 21, p. 194-9, 2012.
- [7] M.A.M. Barbosa, M.A.M. Pettengill. Encontros terapêuticos com a família da criança com deficiência: uma proposta de intervenção. Seminário Nacional de Pesquisa em Enfermagem. p. 1002-5. 2011
- [8] E.K. Sveinbjarnardottir et al. What are the benefits of a short therapeutic conversation intervention with acute psychiatric patients and their families? A controlled before and after study. International Journal of Nursing Studies Volume 50, Issue 5, Pages 593-602, May 2013.
- [9] M. Tafner, J. Tafner, J. Fischer. Metodologia do trabalho acadêmico. Curitiba: Juruá, 1999.
- [10] A.P.S. Pereira, et al. O genograma e o ecomapa no cuidado de enfermagem em saúde da família. Rev Bras Enferm, v. 62, n. 3, p. 407-16, 2009.
- [11] Brasil. Ministério da Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Conselho Nacional de Saúde. 12 dez 2012.

